

CARACTERIZAÇÃO GEOLÓGICA E PETROGRÁFICA DAS ROCHAS MÁFICAS DA REGIÃO DE TANGARÁ DA SERRA/MT

Pina Neto, A.N.¹ & Gorayeb, P.S.S.¹

¹Universidade Federal do Pará

RESUMO: As rochas máficas da região de Tangará da Serra, distante cerca de 250 km de Cuiabá(MT), compreendem derrames de basaltos de caráter fissural além de sills e diques de olivina diabásios que também foram descritos nos municípios vizinhos de Barra dos Bugres e Diamantino. As espessuras dessas rochas máficas variam de 15 a 310 m e são citadas na literatura como rochas vulcânicas basálticas da Formação Tapirapuã, posicionada no limite Jurássico-Triássico. A análise petrográfica permitiu a descrição das rochas máficas e suas encaixantes (arenitos e rochas carbonáticas). Os basaltos exibem granulação fina, cor cinza-chumbo com textura afanítica e isotrópica. Microscopicamente, exibem textura porfirítica com matriz intersertal e intergranular. São constituídos essencialmente por plagioclásio, clinopiroxênio (augita) e ortopiroxênio (enstatita). Alguns fenocristais de plagioclásio mostram-se zonados concentricamente enquanto outros exibem hábito acicular e com terminações tipo “rabo de andorinha”, indicando resfriamento brusco. Material de mesóstase de coloração esverdeada, minerais opacos e vidro ocorrem intersticialmente a matriz e em meio às ripas de plagioclásio. Os olivina diabásios, com granulação média, exibem textura predominantemente intergranular. São constituídos essencialmente por plagioclásio, olivina e piroxênio. O plagioclásio é do tipo labradorita (An60), são ripiformes e mostram maclamento albita e albita-calsbad. Dentre os piroxênios, reconhece-se a Augita, em maior proporção modal, e Enstatita. A caracterização de alguns minerais de difícil identificação como os minerais opacos e aqueles oriundos de alteração foi realizada por meio da análise em Microscópio Eletrônico de Varredura (MEV), com exceção do agregado mineral que preenche as amígdalas nos basaltos. No MEV foram imageados e caracterizados quimicamente minerais como plagioclásio, augita, titanomagnetita e halita nos basaltos; e augita, plagioclásio, forsterita, biotita, titanomagnetita, pirita e badelleyita nos olivina diabásios. As rochas máficas da Formação Tapirapuã apresentam contatos discordantes com os arenitos e rochas carbonáticas do Grupo Araras, Parecis e Alto Paraguai e representam um magmatismo tholeítico continental que pode ser relacionada ao magmatismo basáltico de mesma idade como os basaltos da Formação Mosquito, na Bacia do Parnaíba; à Formação Anari, na Bacia do Parecis; ao Magmatismo Penatecaua da Bacia do Amazonas; e aos basaltos das Guianas e Oeste Africano bem como ao feixe de Diques Cassiporé no Amapá. A sua ocorrência pode estar ligada ao regime distensivo vigente durante o Jurássico e que viria a resultar na separação do Pangea e na formação do oceano Atlântico.

PALAVRAS-CHAVE: DIABÁSIO; BASALTO; TANGARÁ DA SERRA.